

Lisboa, 08 de Abril de 2020

Barómetro Coface 1º Trimestre de 2020

COVID-19: rumo a um súbito aumento global das insolvências das empresas

No início, a epidemia COVID-19 na China afectou apenas um número limitado de cadeias de valor - mas desde então, transformou-se numa pandemia global. As suas repercussões criaram um duplo choque - oferta e procura - que está a afectar um grande número de indústrias em todo o mundo. A singularidade desta crise torna inúteis as comparações com as anteriores, uma vez que todas elas tiveram origem financeira (por exemplo, a crise de crédito global de 2008-09, e a grande depressão de 1929). A questão já não é saber que países e sectores de actividade serão afectados por este choque, mas sim que poucos serão poupados.

O choque pode ser ainda mais violento nas economias emergentes: para além da gestão da pandemia, que lhes será mais difícil, enfrentam também a queda dos preços do petróleo, bem como as saídas de capital, que quadruplicaram em relação aos níveis de 2008.

Neste contexto, a Coface prevê que em 2020 se assista à primeira recessão da economia mundial desde 2009, com uma taxa de crescimento de -1,3% (após +2,5% em 2019). A Coface prevê ainda recessões em 68 países (contra apenas 11 no ano passado), uma queda do comércio mundial de 4,3% este ano (após uma queda de -0,4% em 2019), e um aumento de 25% das insolvências de empresas a nível mundial (em comparação com a nossa previsão de Janeiro passado, que era de +2%).

O maior aumento de insolvências de empresas desde 2009: +25% esperado em 2020

O risco de crédito das empresas será muito elevado, mesmo num cenário "optimista", em que a actividade económica recomeçará gradualmente no terceiro trimestre do ano, e desde que não exista uma segunda vaga da pandemia coronavírus no segundo semestre de 2020.

Esta tendência para a insolvência das empresas afectará os Estados Unidos (+39%) e todos os principais países da Europa ocidental (+18%): Alemanha (+11%), França (+15%), Reino Unido (+33%), Itália (+18%) e Espanha (+22%). O choque pode ser ainda mais violento nas economias emergentes: para além de gerirem a pandemia, o que lhes será mais difícil, enfrentam também a queda dos preços do petróleo, bem como as saídas de capital que quadruplicaram em relação aos níveis de 2008.

O volume do comércio internacional diminuiu pelo segundo ano consecutivo; sinal de uma possível alteração da estrutura do comércio internacional de mercadorias?

O peso dos riscos incluídos na previsão da diminuição do volume do comércio mundial em 4,3% em 2020, reduziu a sua importância, uma vez que os numerosos anúncios de encerramento de fronteiras não são tidos em conta no modelo de previsão da Coface (modelo baseado nos preços do petróleo, custos de transporte, confiança das empresas transformadoras nos Estados Unidos

e as exportações da Coreia como variáveis explicativas).

A longo prazo, a crise da COVID-19 poderá também ter consequências sobre a estrutura das cadeias de valor globais. A principal fonte da vulnerabilidade das empresas, no contexto actual, é a sua forte dependência de um número reduzido de fornecedores, localizados em poucos países, ou mesmo num único país. Por conseguinte, aumentar este número para antecipar possíveis rupturas na cadeia de abastecimento, será agora uma prioridade para as empresas.

A maioria dos sectores serão afectados, embora alguns sejam poupados

Para as empresas, as medidas de confinamento repentino tomadas pelos governos em mais de 40 países, para travar a expansão do vírus COVID-19, e que representam mais de metade da população mundial, tiveram consequências imediatas.

Estas medidas resultaram num choque de abastecimento, diferente de qualquer outro observado durante as graves crises anteriores. O choque inicial não resultou de uma crise financeira, mas sim da economia real: as pessoas não podem trabalhar, e as empresas estão a sofrer perturbações no fornecimento de bens intermédios.

O turismo, a hotelaria, a restauração, o lazer e os transportes são os mais afectados, tal como quase todos os segmentos da distribuição especializada e a maioria dos sectores transformadores (excluindo a indústria agroalimentar). Outros sectores de serviços foram muito menos afectados: telecomunicações, água e saneamento, para citar apenas alguns.

A este choque da oferta vem juntar-se um choque igualmente brutal da procura. Muitos consumidores estão a cancelar ou a adiar as suas despesas em bens e serviços. Além disso, a confiança das famílias está a ser afectada pelo impacto do confinamento.

Os bens de consumo duradouros, como os veículos, serão provavelmente dos mais castigados por este choque. Outras despesas, como os têxteis e o vestuário, bem como a electrónica, deverão também ser reduzidas a quase zero.

No outro extremo do espectro, o consumo de produtos agroalimentares e farmacêuticos, poderá efectivamente beneficiar desta situação excepcional.

As consequências políticas da pandemia

A consequência mais óbvia da pandemia, a curto prazo, é o agravamento das tensões geopolíticas já existentes.

O risco de uma nova vaga de medidas proteccionistas não pode ser excluído, dirigidas especialmente aos sectores-chave da nova ordem económica e sanitária (por exemplo, a limitação das exportações de produtos agroalimentares e/ou farmacêuticos, considerados vitais). A continuação da "guerra comercial" EUA-China, que visa sectores estratégicos, nomeadamente a electrónica, continua também a ser uma possibilidade. Esta possibilidade poderia ser reforçada pela campanha presidencial nos Estados Unidos e/ou pelo aumento dos protestos sociais num destes dois países.



P R E S S R E L E A S E

Coface: for trade

Mais de 70 anos de experiência e uma rede internacional perfeitamente articulada fazem da Coface uma referência em seguro de crédito, gestão de risco e economia global. Com a ambição de se tornar na seguradora de crédito mais ágil do mercado, os especialistas da Coface trabalham ao ritmo da economia mundial, apoiando 50.000 clientes na construção de negócios dinâmicos e de sucesso. Os serviços e soluções da Coface protegem e ajudam as empresas na tomada de decisões de crédito que permitam melhorar a sua capacidade de venda tanto no mercado doméstico como na exportação. Em 2019, a Coface empregou 4.250 pessoas e registou um volume de negócios de €1.5 bilião de euros.

<http://www.coface.pt>

COFACE SA é cotada no Compartimento A da Euronext Paris
Código ISIN: FR0010667147 / Mnemónico: COFA

